

VISÃO DO CORREIO

# O medo ainda é real

A morte de Osama bin Laden, referência-mor do terrorismo praticado por radicais islâmicos, é um marco na luta contra o medo, a insensatez de grupos religiosos e até a incompreensível disputa entre civilizações. Talvez não se tenha feito justiça, como festejou o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama — nesse caso, parece ter preponderado a lei do talão. No entanto, independentemente das circunstâncias do episódio (Bin Laden foi executado?), o gesto é alvissareiro: por tornar, como frisou Obama, o mundo um pouco melhor, e por mostrar que não há mais abrigo na Terra para símbolos tão definitivos da maldade. Sabe-se que, ao longo dos últimos anos, o efetivo papel de comando de Bin Laden esvaíca-se — não era mais a cabeça da serpente. Continuava, porém, como uma referência sacerdotal importante do jihadismo, à guerra dos muçulmanos contra os inimigos do lá.

Sua morte certamente irá provocar sobressaltos em todo o planeta. Primeiro, porque já há sucessor a postos: o médico egípcio Ayman Al Zawahri, apontado, por sinal, como ideólogo do saudita. Várias ameaças foram lançadas durante todo o dia de ontem. O Departamento de Estado americano emitiu alerta mundial sobre o risco de violência antiamericana, sugerindo que, devido à incerteza e volatilidade da atual situação, cidadãos americanos devam ficar em ca-

secreto norte-americano, disse que é quase certa uma vingança. É crível. Mas, do ponto de vista prático de segurança, há que se refletir bastante antes de qualquer ação, ativa ou reativa. Como se precaver? Fechando ainda mais as fronteiras? Aumentando o rigor nas vistorias em aeroportos? Sufocando ainda mais nações que abrigam criminosos?

O desafio dos Estados nações democraticamente estáveis é aproveitar o instante histórico e tentar asfixiar ainda mais a ideologia da jihad. Para tanto, devem ser aproveitados episódios recentes no Oriente Médio e no norte da África. Os movimentos populares na Síria, na Líbia ou na Tunísia, ao exigir democracia, com a consequente liberdade de expressão, governos decentes e eleições diretas, começaram a derrubar tirantes e ditadores e, quiçá, deixam um recado: os dramas do quintal são maiores que os globais.

Por fim, o comportamento das lideranças mundiais pós-morte de Bin Laden tem sido exemplar. Não há euforia excessiva, provocações gratuitas. O presidente norte-americano fez até questão de lembrar que a "luta" não é contra o islamismo. Por isso, é necessário, neste momento tão delicado, fomentar o diálogo inter-religioso. É crucial que se organizem planos de reconstrução econômica — sabe-se que é notório o agravamento das condições de vida nesses países. A solução para as disfunções dos países islâmi-



## >> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter no máximo 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: [sredat@dabr.com.br](mailto:sredat@dabr.com.br)

### Bin Laden

Longe de achar alguma qualidade no sujeito Osama bin Laden, fiquei um tanto quanto espantado com os cidadãos norte-americanos que foram às ruas comemorar a morte dele como se fosse uma vitória na Copa do Mundo. Uma coisa é o alívio discreto pela morte de alguém indesejado, mas sair para festejar com buzinações, passetas e bandeiras é muito estranho. Como diz o Caetano, é o avesso, do avesso, do avesso...

» Jorge Azevedo, Asa Norte

da cripta em que estava enterrado não passa de carne e osso. Ao que consta, o próprio Sumo Pontífice havia manifestado o desejo de lá ser enterrado. Portanto, retirar o corpo de lá é um atentado à memória dele. Para o ritual de beatificação, bastava a imagem de João Paulo II e, notadamente, a lembrança das suas boas atitudes.

» Wellington de Araújo Moreira, Samambaia

### Corrupção

Não tem dia em que os meios de comunicação deixem de lembrar com

## Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Agora que Bin Laden morreu, meus perfumes estão liberados para viajarem fora da sacola plástica?

Adriana Araújo Martins Melo — Águas Claras

Bin Laden, assim como Saddam e Kadafi, é criação de americanos e europeus, que dizem respeitar o espírito democrático, o estado de direito e os direitos humanos.

Mauro Evangelista — Brasília

Esperança renovada: se até Bin Laden morreu.